

COORDENAÇÃO
Rogéria de Ipanema

ANAIIS



VOLUME 2

COMPLEMENTAÇÃO

**HISTÓRIA,
DESENVOLVIMENTO
E DEMOCRACIA**

2018



UFRJ
faz **100**
ANOS

1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

COORDENAÇÃO
Rogéria de Ipanema

ANAIS

VOLUME 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Roberto Leher

Vice-Reitora

Denise Lopez Nascimento

Pró-Reitor de Graduação

Eduardo Serra

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa

Leila Rodrigues

Pró-Reitor de Planejamento, Desenvolvimento e Finanças

Roberto Gambine

Pró-Reitor de Pessoal

Agnaldo Fernandes

Pró-Reitor de Extensão

Maria Mello de Malta

Pró-Reitor de Gestão e Governança

André Esteves da Silva

Pró-Reitor de Políticas Estudantis

Luiz Felipe Cavalcanti

COMITÊ CIÊNCIA DO SEMINÁRIO UFRJ FAZ 100 ANOS – 2017

Pró-Reitora de Extensão

Maria Mello de Malta

Decano do CCMN

João Graciano Mendonça Filho

Decana do CCS

Maria Fernanda Quintela

Decana do CFCH

Líliá Pougy

Vice-decana do CLA

Cristina Tranjan

Coordenador do FCC

Carlos Vainer

Ouvidora Geral

Cristina Riche

Superintendente Acadêmica/CFCH

Ludmila Fontenele

Divisão de Integração Acadêmica/ PR2

Renata Gaspar

Coordenadora Geral do UFRJ FAZ 100 ANOS - Reitoria/ PR5

Rogéria de Ipanema

**HISTÓRIA,
DESENVOLVIMENTO
E DEMOCRACIA**

COORDENAÇÃO
Rogéria de Ipanema

**4, 5 E 6
SETEMBRO
2017**

ANAIS

VOLUME 2



RIO DE JANEIRO

EDITORA UFRJ

2018

Os artigos dos Anais do Seminário UFRJ FAZ 100 ANOS: história, desenvolvimento e democracia estão disponíveis em <http://ufrj.br/ufrjfaz100anos>

Ficha catalográfica elaborada pelo Centro Referencial do Sistema de Biblioteca e Informação (SiBI) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Seminário UFRJ faz 100 anos (2017: Rio de Janeiro, RJ)

S471a

[Anais] | Seminário UFRJ faz 100 anos: História, desenvolvimento e democracia, 4 a 6 de setembro de 2017 / coordenação [de] Rogéria de Ipanema – Rio de Janeiro : Ed. UFRJ, 2018.

3v. : p. il.

ISBN: 978-85-7108-431-5

1. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Congressos. I. Ipanema, Rogéria de, coord. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. II. Título.

CDD : 378.0098153

Os textos e imagens apresentados nesta publicação são de inteira responsabilidade de seus autores, incluindo as questões de direitos de uso de imagens de terceiros.

SUMÁRIO – Volume 2

NOTA EXPLICATIVA	11
Rogéria de Ipanema	

SEMINÁRIO UFRJ FAZ 100 ANOS: HISTÓRIA, DESENVOLVIMENTO E DEMOCRACIA	15
Rogéria de Ipanema	

EIXO 4 EXTENSÃO, INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E SOCIEDADE

BIOTECNOLOGIA PARA DESENVOLVIMENTO RURAL EM ASSENTAMENTOS DO MUNICÍPIO DE CARAPEBUS-RJ E MITIGAÇÃO DOS IMPACTOS AMBIENTAIS NO PARNA JURUBATBA	21
--	----

Stephany da Costa Torres
Naiane Beatriz Ferreira
Cleitor Gomes Mesquita
Ramon Ermida Fontes
Emanuel Victor Nogueira Gotardo
Amanda Cristina Veiga Fernandes da Silva
Odara Araujo de Oliveira
Alice Rodrigues Fernandes Gomes
Joel Alves da Silva Junior
Gilliana Dutra Neves Cruz
Izabela Silva dos Santos
Mirella Pupo Santos
Danielle da Silveira dos Santos Martins
Elane da Silva Ribeiro
Tatiana U. Paleo Konno
Núbia Maria Correia
Daniel Basílio Zandonadi
Marco Antonio Lopes Cruz

ELABORAÇÃO DE APRESENTAÇÕES PROFISSIONAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM CURSO ONLINE PARA SENSIBILIZAÇÃO SOBRE ASPECTOS DE DESIGN GRÁFICO	35
Silvia Esteves Duarte Wallace Gonçalves Pereira Miriam Struchiner	

CRÉDITOS	47
-----------------	----

**HISTÓRIA,
DESENVOLVIMENTO
E DEMOCRACIA**

**4, 5 E 6
SETEMBRO
2017**

NOTA EXPLICATIVA

VOLUME 2



UFRJ
faz 100
ANOS

1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

NOTA EXPLICATIVA

Prezadas (os),

Apresentamos a inclusão dos artigos a seguir, que por nosso equívoco, tinham ficado de fora da publicação.

Atenciosamente,

Rogéria de Ipanema

Coordenadora do UFRJ FAZ 100 ANOS – Reitoria
Assessora Especial da Pró-Reitora de Extensão – PR5



**HISTÓRIA,
DESENVOLVIMENTO
E DEMOCRACIA**

**4, 5 E 6
SETEMBRO
2017**

SEMINÁRIO UFRJ FAZ 100 ANOS: HISTÓRIA, DESENVOLVIMENTO E DEMOCRACIA



**UFRJ
faz 100
ANOS**

1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

SEMINÁRIO UFRJ FAZ 100 ANOS: HISTÓRIA, DESENVOLVIMENTO E DEMOCRACIA

Rogéria de Ipanema

Coordenadora do UFRJ FAZ 100 ANOS – Reitoria
Assessora Especial da Pró-Reitora de Extensão – PR5

O Seminário UFRJ FAZ 100 ANOS: história, desenvolvimento e democracia foi realizado nos dias 4, 5 e 6 de setembro de 2017, nas dependências do Instituto de Geociências, do Instituto Tércio Paccitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais e do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, na Cidade Universitária.

O Seminário consistiu na atividade de comemoração dos 97 anos da instituição, como parte do projeto do seu centenário, iniciado com o lançamento da marca com a Minerva no Conselho Superior Universitário (08/09/2016), e que se concluirá na efeméride de 7 de setembro de 2020. No edital para inscrição de resumos, o evento apresentava seus objetivos, “alargar as possibilidades das apresentações e debates do que se realiza na e com a UFRJ, pluralizando e interdisciplinando os interesses, os conhecimentos e os destinos públicos e democráticos da Educação.”

Assim, a programação contou com mais de 350 apresentações em 73 sessões temáticas, de forma que compreendessem comunicações de estudantes, técnicas(os) e docentes em cada uma das sessões e debates. Com isto, pode-se representar a procura muito clara do Seminário, na articulação de um encontro horizontal com os três segmentos, a partir de uma participação voluntária da comunidade UFRJ, em um mesmo espaço e sob uma mesma pauta.

Estes índices e números revelam a recepção do seu corpo social com a programação da Reitoria para a semana de aniversário da UFRJ em 2017. Proposta amplamente validada desde o início da construção de sua pauta, quando abertas a todas as pessoas, às sugestões de temas e de assuntos a serem apresentados e discutidos no Seminário. Uma vez recebidos, a Comissão Organizadora composta, também, pelos três segmentos, consolidou em 10 grandes Eixos, as mais de 200 contribuições recebidas.

É necessário registrar a programação geral do Seminário, aberto pelo Reitor Roberto Leher, com a conferência, UFRJ: desafios da história. E mais, uma mesa temática, refletindo o tema geral do Seminário, com as presenças de Cassia Curan Turci (Vice-Decana, CCMN), Maria Fernanda

Quintella (CCS), Marcelo Corrêa e Castro (representando a Decana Lilia Pougy, CFCH), Flora de Paoli (CLA), Fernando Ribeiro (CT) e Carlos Vainer (FCC). E a outra, Mesa: Universidade, autonomia, democracia e desafios, com a professora Diana Maul (FM/UFRJ), Marcelo Badaró (História/UFF) e como moderador, Claudio Ribeiro (FAU/UFRJ).

É igualmente importante registrar que, para se construir um maior dialogismo e interação com as entidades e movimentos sociais, a comissão organizadora trouxe o contato de conhecimento e reconhecimento de outros sujeitos e organizações populares, para que, com a UFRJ, formassem os Diálogos Sociedade e Universidade.

O primeiro Diálogo foi com os Movimentos da Baixada Fluminense: Associação Feira da Roça, Centro Cultural Donana, Coletivo de Mulheres Madalenas da Baixada, ComCausa-Direitos Humanos da Baixada Fluminense, Cooperativa Coopaterra, CPT Baixada Fluminense, Coletivo Preto Dandaras da Baixada, Instituto Enraizados, MST Baixada e SEPENI-Nova Iguaçu. O segundo Diálogo fez-se com moradores, movimentos e espaços culturais autônomos de territórios geográfica e historicamente extensionistas com a universidade, a Maré, Manguinhos e a Vila Residencial - UFRJ. Com eles, compartilhamos com a associação de Moradores AMAVILA, Cia Jovem Ballet Manguinhos, que fez uma apresentação ao público, Centro de Artes da Maré e Galpão Bela Maré.

Nesta presente escrita de 395 assinaturas apresenta-se uma grande gama de abordagens e reflexões sobre a formação e produção universitária em suas múltiplas áreas e campos, consubstanciando, assim, uma fonte de referência do ensino, da pesquisa e da extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ.

A publicação é composta por 146 artigos em 03 volumes, totalizando 1.716 páginas, e está distribuída da seguinte forma:

Volume 1

Eixo 1 – Acesso, Permanência e Movimento Estudantil

Eixo 2 – Diversidade, Gênero, Etnia e Justiça Social

Eixo 3 – Educação, Ensino e Formações

Volume 2

Eixo 4 – Extensão, Integração Acadêmica e Sociedade

Eixo 5 – História, Memória e Desenvolvimento Institucional

Eixo 6 – Meio Ambiente, Sustentabilidade e Tecnologias

Volume 3

Eixo 7 – Pesquisa, Saberes e Fazer na Universidade

Eixo 8 – Política, Autonomia, Democracia e Desafios

Eixo 9 – Saúde, Saúde Pública e Hospitais Universitários

Eixo 10 – Trabalho, Corpo Social, Estrutura e Gestão

Os artigos podem ser consultados por volume, tanto pelos títulos no Sumário como pelo Índice de autores ao final dos textos. A publicação completa dos 03 volumes está disponibilizada na página ufrj.br/ufjfaz100anos.

Os Anais do Seminário UFRJ FAZ 100 ANOS estão sendo lançados no dia 5 de setembro de 2018, nas comemorações dos 98 anos da UFRJ, no Auditório Rodolpho Paulo Rocco, na Cidade Universitária e no Auditório Pedro Calmon, no Campus da Praia Vermelha. Neste ano, a **Universidade Pública** torna-se o eixo central da conferência do Reitor e das mesas de debates, em momento de grandes ataques ao exercício da educação crítica e sem mordança, à condição orçamentária para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão, em valores insustentáveis e congelados por 20 anos, e com isto, inviabilizando o projeto e a função social das universidades públicas brasileiras, estruturas essenciais e extremamente necessárias ao país.

Saudações universitárias!



**HISTÓRIA,
DESENVOLVIMENTO
E DEMOCRACIA**

**4, 5 E 6
SETEMBRO
2017**



UFRJ
faz **100**
ANOS

1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

EIXO 4

EXTENSÃO, INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E SOCIEDADE

BIOTECNOLOGIA PARA DESENVOLVIMENTO RURAL EM ASSENTAMENTOS DO MUNICÍPIO DE CARAPEBUS-RJ E MITIGAÇÃO DOS IMPACTOS AMBIENTAIS NO PARNA JURUBATBA

Stephany da Costa Torres

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório de Biotecnologia Vegetal– Estudante de Graduação

Naiane Beatriz Ferreira

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório de Biotecnologia Vegetal– Estudante de Graduação

Cleitor Gomes Mesquita

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório de Biotecnologia Vegetal– Estudante de Pós-graduação

Ramon Ermida Fontes

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório de Biotecnologia Vegetal– Estudante de Pós-graduação

Emanuel Victor Nogueira Gotardo

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório de Biotecnologia Vegetal– Estudante de Pós-graduação

Amanda Cristina Veiga Fernandes da Silva

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório de Biotecnologia Vegetal– Estudante de Graduação

Odara Araujo de Oliveira

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório de Biotecnologia Vegetal– Estudante de Graduação

Alice Rodrigues Fernandes Gomes

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório de Biotecnologia Vegetal– Estudante de Graduação

Joel Alves da Silva Junior

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório de Biotecnologia Vegetal– Estudante de Graduação

Gilliana Dutra Neves Cruz

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório de Biotecnologia Vegetal– Técnico

Izabela Silva dos Santos

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório de Biotecnologia Vegetal– Técnico

Mirella Pupo Santos

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório de Biotecnologia Vegetal– Docente/Pesquisador

Danielle da Silveira dos Santos Martins

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório de Biotecnologia Vegetal– Docente/Pesquisador

Elane da Silva Ribeiro

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório de Biotecnologia Vegetal– Docente/Pesquisador

Tatiana U. Paleo Konno

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório Integrado de Botânica – Docente/Pesquisador

Núbia Maria Correia

(Embrapa – DF) – Hortaliças – Docente/Pesquisador

Daniel Basílio Zandonadi

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório de Biotecnologia Vegetal– Docente/Pesquisador

Marco Antonio Lopes Cruz

(NUPEM/UFRJ-Macaé) – Laboratório de Biotecnologia Vegetal– Docente/Pesquisador

Introdução

A partir da década de 1990 foi iniciado o processo de construção da categoria sócio-profissional do agricultor familiar, relacionado à articulação de entidades políticas e sindicais, em torno do crédito governamental de incentivo ao trabalhador rural oriundo do PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Decreto nº 1946, de 28 de junho de 1996; Resolução 2310, de 29 de agosto de 1996). Em linhas gerais, a participação da família na produção é a condição fundamental para a distinção entre agricultores familiares e empresários agropecuários (INCRA/FAO, 1996).

Após a década de 1970, ocorreu a “Revolução Verde” no Estado do Rio de Janeiro, ou seja, a incorporação na prática agrícola de conhecimentos técnico-científicos sobre o cultivo de hortaliças e frutas com elevada produtividade, tendo como base a mecanização e/ou a quimificação da agricultura (Navarro, 2001). Essas mudanças impactaram as práticas de trabalho dos agricultores suas condições de vida.

Atualmente as famílias agricultoras inserem-se de diferentes maneiras no sistema agrícola de produção. A depender dessa inserção, há nas localidades agrícolas com distintos graus de deterioração ambiental, de problemas agrários e de dificuldades de reprodução econômica. Tal cenário é preocupante, pois pode estimular o abandono da prática agrícola, podendo gerar situações de insegurança alimentar e nutricional, não apenas para as próprias famílias, mas também para a sociedade em geral, que depende dos produtos para consumo. Ressalta-se que a maior parte dos itens alimentícios consumidos pelos brasileiros advém da agricultura familiar, sendo a produção rural de grande porte voltada essencialmente para exportação (IBGE, 2012).

Entende-se por segurança alimentar e nutricional (SAN) a realização do direito de todo o cidadão ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis (Brasil, 2009). O conceito de SAN acima envolve, portanto, as dimensões da qualidade dos alimentos e da manutenção de condições ambientais adequadas para sua produção, que sejam capazes de garantir o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida da população (Freitas & Penna, 2007). A questão ambiental é parte essencial no contexto de SAN principalmente por não haver como produzir alimentos de qualidade sem que o uso da água, do solo e da vegetação adjacente seja adequado. Em especial, não há como ter alimentos de qualidade se o agricultor não tiver as condições mínimas necessárias para conseguir produzir de forma ecologicamente sustentável e se manter economicamente.

A agricultura familiar é praticada por grande quantidade de agricultores na Região Norte Fluminense que estão inseridos de diferentes formas no sistema agrícola de produção regional. Em função do arranjo produtivo, existem localidades agrícolas com diferentes graus de deterio-

ração ambiental, de problemas agrários e de dificuldades econômicas. Porém, a produtividade das lavouras geralmente são baixas quando comparadas com as de outras regiões. Este tem sido um dos principais motivos para a perda de espaço deste setor na economia local. Este fato é atribuído às condições edafoclimáticas da região, infra-estrutura sócio-econômicas pouco adequadas e os baixos níveis de tecnologia empregados por estes agricultores. Estudos feitos na região mostram que uma reversão do atual quadro, passaria por aprimoramento tecnológico, com a inserção de novas tecnologias que proporcione um substancial crescimento da produtividade na região. Isso pode provocar abandono da prática agrícola, gerar situações de insegurança alimentar e nutricional. Esse problema pode afetar não só as próprias famílias agricultoras, mas também a sociedade em geral, que depende dos produtos para consumo.

De acordo com a lei 10.831/2003, agricultura orgânica é um sistema de produção agrícola onde se utilizam técnicas específicas, para o aprimoramento de manejo dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis, levando em conta a manutenção da cultura das comunidades rurais locais. Por outro lado, a agroecologia considera um posicionamento teórico e aparece como uma prática agrônômica em contra posição aos problemas oriundos do sistema de agricultura convencional industrial e que foi sedimentado com o advento da revolução verde, em especial os monocultivos agrícolas que impactam negativamente a biodiversidade dos sistemas naturais do entorno desses monocultivos (Vidal *et al.*, 2013).

Dessa forma, entende-se como agroecologia como ciência que emprega conceitos de ecologia no planejamento manejo sustentável de sistemas agrícolas (Altieri, 2012) e procura seguir alguns princípios fundamentais: a) reduzir o uso de insumos externos, procurando valorizar ciclagem de energia e de nutrientes; b) planejar agrossistemas de produção com adaptações às condições locais; c) o tentativa de reestabelecimento e manutenção da diversidade genética; d) o aprimoramento do desenvolvimento econômico, preservando o potencial produtivo do ecossistema original (Feiden, 2005).

Micropropagação de plantas é uma realidade para vários setores da produção agrícola, sendo bastante difundida. Seja na cultura extensiva como a da cana-de-açúcar onde é utilizada para produção de mudas em larga escala (Cruz *et al.*, 2009), seja na produção de plantas em setores mais artesanais como a produção de plantas ornamentais (Paiva *et al.*, 2004; Rocha *et al.*, 2009) e de plantas medicinais (Morais *et al.*, 2012). Essa forma de produção de mudas apresenta vantagens como: multiplicação rápida e uniforme de plantas elite, produção de mudas livres de doenças (fungos, vírus e bactérias, por exemplo). A muda é o insumo mais importante na implantação de uma cultura; mudas produzidas com qualidade, desde que adequadamente manejadas, originam cultivos mais produtivos e rentáveis com retornos econômicos mais substanciais e pode promover um aumento de até 40% dependendo da cultura e aplicação correta técnica. Esse modelo pode perfeitamente ser combinado com técnicas agroecológicas para dar

suporte a produção de mudas em agrossistemas de agricultura familiar seja na produção de hortalças ou ornamentais.

A utilização de fertilizantes químicos sintetizados tem crescido mundialmente, e com esta o aumento dos preços de alimentos (FAO, 2014). Os efeitos dos fertilizantes sobre o aumento da produtividade vegetal são positivos, entretanto podem resultar também em custos bastante elevados tanto do ponto de vista econômico como ambiental. Nos países em desenvolvimento como o Brasil onde uma parcela significativa de produtores não tem acesso aos fertilizantes sintéticos, esta questão é ainda mais importante. Além disso, mesmo os produtores que tem acesso a estes insumos, estão perigosamente ligados as flutuações dos preços internacionais, visto que importa-se no Brasil atualmente cerca de 90% do potássio, 70% do nitrogênio e 50% do potássio consumidos como fertilizantes (Secretaria de Acompanhamento Econômico - Seae, 2011). Os fertilizantes como superfosfatos ou cloreto de potássio são provenientes de fontes não renováveis. Além disso, o excesso de utilização dos mesmo causam problemas ambientais como eutrofização de cursos d' água e lençóis freáticos e salinização de solos agricultáveis (Novotny *et al.*, 2011).

A produção de fertilizantes orgânicos é relativamente simples e pode ser adaptada a cada caso ou necessidade do agricultor. Os materiais para sua confecção também podem variar até certo ponto de acordo com a disponibilidade dos mesmos na região e papel na produção do fertilizante. Por exemplo, um composto orgânico pode ser feito com esterco de gado ou de frango, dependendo da disponibilidade de um ou outro para o agricultor. Uma das principais funções destes adubos, que resultam em maior fertilidade do solo é o aumento da matéria orgânica. Além disso, diferente dos adubos sintéticos solúveis, os adubos orgânicos podem fornecer moléculas semelhantes a reguladores de crescimento vegetal (Zandonadi *et al.*, 2014). Também é conhecido o efeito de supressão de algumas doenças por estes fertilizantes orgânicos. Os resultados de agricultores, da Embrapa e de agências de extensão rural demonstram que é viável a produção de alimentos a base destes adubos.

A agricultura familiar apresenta-se de maneira diversa nas várias regiões brasileiras, a depender da diversidade sócio-ambiental e das trajetórias dos diferentes grupos sociais (INCRA/FAO, 1996). Em cada localidade existe uma gama de fatores importantes tais como as formas de lidar com a natureza, de manejo agrícola e o escoamento da produção para o mercado, a fim de viabilizar o desenvolvimento de ações que possam gerar benefícios diretos para as condições ambientais, econômicas, e de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN). A complexidade das interações desses fatores justifica projetos que busquem analisar e levar soluções para problemas de ordem econômica e ambiental a esses grupos.

A prevalência de insegurança alimentar para a população brasileira é de 65,1%, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2004 (IBGE, 2006b). A prevalência

de insegurança alimentar é de 66,7% para o Brasil urbano e 56,5% para o Brasil rural, onde é encontrada grande parte das regiões agrícolas no país. Tal elevada magnitude de prevalência tem estimulado o desenvolvimento de estudos em nível local, abordando o tema SAN associado ao trabalho agrícola (p.e. Sampaio *et al.*, 2006; Menasche *et al.*, 2008).

A utilização de biotecnologia para melhorar a produção agrícola é uma necessidade e técnicas como a cultura de tecidos e os métodos de micropropagação, são vistas como alternativas para a produção de espécies vegetais de interesse econômico. Isso permite aumentar a rentabilidade do agricultor em função do aumento na produção e diminuição dos custos. A utilização de micropropagação de plantas é bastante difundida em muitas culturas extensivas e em setores de produção de menor escala. Existem muitas vantagens para a utilização da micropropagação: multiplicação rápida e uniforme de plantas elite, produção de mudas livres de doenças são exemplos dessas vantagens. A melhora rendimento da produção utilizando essas práticas está associada a redução no uso de insumos externos seja para adubação seja para defesa contra pragas. Isto porque plantas oriundas de mudas micropropagadas apresentam melhor vigor no desenvolvimento inicial quando comparada as mudas de produção convencional.

Os agricultores possuem alternativas eficientes aos fertilizantes sintéticos: os fertilizantes orgânicos. A maior parte destes tem utilização milenar tais como os esterco animais de gado e de porco por exemplo. Avanços na produção fertilizantes orgânicos resultaram em algumas tecnologias tais como a compostagem, a vermicompostagem, os biofertilizantes aerados ou fermentados, entre outros, são exemplos dessa tecnologia. (Disponível em: <http://www.cnph.embrapa.br/organica/produtos.html>).

Essa combinação de técnicas biotecnológicas, associadas às práticas ecológicas responsáveis, pode aumentar a eficiência de arranjos de produção regionais com a participação de agricultores individualizados ou associados às cooperativas, em função de uma produção mais qualificada com melhores mudas e exploração mais racional dos recursos locais.

Objetivo geral

Nesse cenário, a utilização de biotecnologias de micropropagação é uma alternativa viável para a produção de mudas de alta qualidade de espécies vegetais de interesse econômico, seja para utilização própria ou comercialização com terceiros. Isso permite o aumento da rentabilidade do agricultor em função da melhora na produtividade e possibilidades de novos negócios. Além disso, essa tecnologia, aliada a produção de fertilizantes orgânicos possibilita o desenvolvimento e manejo de agrossistemas sustentáveis aliando a produção, conservação tanto da agrobiodiversidade como da biodiversidade em geral.

Objetivos específicos:

- Incorporação de valores socio-ambientais em comunidades rurais;

- Identificar lideranças e talentos que se destacam nas principais áreas abordadas na presente proposta e estimular o aperfeiçoamento continuado;
- Estimular a aplicação dos conceitos de sustentabilidade e agroecologia promovendo a atualização e transferência de conhecimentos técnicos e científicos na área de produção agrícola de subsistência e comercialização;
- Implantação de sistemas de produção agroecológicos no Município de Carapebus e Região, especialmente nos municípios em limítrofes do Parque Nacional de Jurubatiba;
- Favorecer o processo de difusão de tecnologias e intercâmbio de conhecimento entre os produtores rurais em intercâmbio com a academia objetivando fortalecer a agricultura familiar;
- Identificar as demandas de mudas para implantação e recuperação de sistemas agroecológicos de subsistência e comercialização;
- Promover a adoção de técnicas de produção de hortaliças, legumes, frutas plantas ornamentais com abordagens sustentáveis em atividades de agroecológicas;
- Estimular a criação de viveiros de essências nativas como instrumento de geração de renda no meio rural e manutenção da biodiversidade;
- Estimular o uso sustentável dos recursos florestais e a recuperação de áreas degradadas;
- Promover a conservação e o uso sustentável da biodiversidade, conscientização e participação da cidadania;

Metodologia

Nesse contexto, o projeto “Integrando Tecnologias Agroecológicas para Promoção do Desenvolvimento Rural em Assentamentos do Município de Carapebus-RJ e Mitigação dos Impactos Ambientais no PARNA Jurubatiba” objetiva transferir conhecimento biotecnológico de produção agrícola sustentável, fortalecendo o sistema produtivo de agricultores do entorno do Parque Nacional de Jurubatiba para mitigar impactos provocados pelas atividades agrícolas. Para isso, realizamos de cursos (teóricos e práticos) ministrados por pesquisadores especialistas:

Curso 1 – Curso Básico de Botânica Aplicada a Exploração Sustentável

Responsável: Pesquisadora Dra. Tatiana U. Paleo Konno (NUPEM/UFRJ-Macaé)

Tópico 1 – Morfologia Vegetativa e Floral

Conteúdo teórico e prático.

Identificação de plantas de interesse econômico, com ênfase na flora de restinga.

Carga horária: 4,0 horas.

Tópico 2 – Ciclos e Formas de vida

Conteúdo teórico e prático.

Identificação de plantas de interesse econômico, com ênfase na flora de restinga.

Carga horária: 4,0 horas.

Tópico 3 – Reprodução e propagação

Conteúdo teórico e prático.

Identificação de plantas de interesse sócio-econômico, com ênfase na flora de restinga.

Carga horária: 4,0 horas.

Tópico 4 – Plantas interessantes da Restinga

Conteúdo teórico e prático

Visita a campo para identificar espécies de interesse sócio-econômico.

Carga horária: 4,0 horas.

Curso 2 – Micropropagação para produção de mudas para agricultura familiar

Responsável: Pesquisador Dr. Marco Antonio Lopes Cruz (NUPEM/UFRJ-Macaé)

Tópico 1 – Conceitos de Micropropagação e suas aplicações

Conteúdo teórico

Carga horária: 4,0 horas.

Tópico 2 – Equipamentos de material para cultivo in vitro

Conteúdo teórico e prático.

Visita ao Laboratório de Biotecnologia Vegetal do NUPEM conhecer os principais equipamentos utilizados para micropropagação

Carga horária: 6,0 horas.

Tópico 3 – Preparo de meios de cultura e formas alternativas de baixo custo

Conteúdo teórico e prático.

Visita a campo para acompanhar o preparo de meios de cultura básicos e alternativos para micropropagação.

Carga horária: 6,0 horas.

Tópico 4 – Micropropagação de plantas ornamentais

Conteúdo teórico

Carga horária: 4,0 horas.

Tópico 5 – Alternativas de produção de mudas micropropagadas para agricultura familiar

Conteúdo teórico

Carga horária: 4,0 horas.

Curso 3 – Produção de Adubos Orgânicos Sólidos e Líquidos para Produção de Hortaliças

Responsável: Pesquisador Dr. Daniel Basílio Zandonadi (EMBRAPA Hortaliças-DF)

Tópico 1 – Produção de composto orgânico

Conteúdo teórico

Carga horária: 4,0 horas.

Tópico 2 – Produção de húmus de minhoca

Conteúdo teórico e prático.

Visita a campo para verificar as principais possibilidades para produção de húmus de minhoca no local.

Carga horária: 6,0 horas

Tópico 3 – Produção de composto fermentado de farelos tipo Bokashi

Conteúdo teórico e prático.

Visita a campo para verificar o potencial para utilização e/ou produção do composto

Carga horária: 6,0 horas

Tópico 4 – Produção de biofertilizante líquido Hortbio®

Conteúdo teórico e prático.

Visita a campo para verificar o potencial para utilização e/ou produção Hortbio®

Carga horária: 6,0 horas

Tópico 4 – Produção de humus líquido

Conteúdo teórico e prático.

Visita a campo para verificar o potencial para utilização e/ou produção humus líquido

Carga horária: 6,0 horas

Curso 4 – Manejo plantas daninhas na Sustentabilidade Agrícola.

Responsável: Pesquisadora Dra. Núbia Maria Correia (EMBRAPA Hortaliças-DF)

Tópico 1 – Ecofisiologia e identificação de plantas daninhas

Conteúdo teórico e prático

Visita a campo para verificar as principais espécies e as suas características morfológicas e de sobrevivência.

Carga horária: 6,0 horas.

Tópico 2 – Interferência das plantas daninhas e as principais estratégias de manejo

Conteúdo teórico e prático*.

Visita a campo para verificar a convivência planta daninha x cultura e as possíveis estratégias de manejo a serem adotadas.

Carga horária: 6,0 horas.

Tópico 3 – Uso racional de herbicidas no manejo de plantas daninhas

Épocas de aplicação e cuidados na pulverização de herbicidas.

Conteúdo teórico e prático*.

Tecnologia de aplicação de herbicidas (escolha do bico, volume de calda e tamanho de gota; calibração de pulverizador).

Carga horária: 8,0 horas.

Tópico 4 – Comportamento dos herbicidas no ambiente

Dinâmica dos herbicidas no sistema solo-água-atmosfera.

Conteúdo teórico.

Carga horária: 4,0 horas.

Curso 5 – Micropropagação de feijão (*Phaseolus vulgaris*)

Responsável: Pesquisador Dr. Marco Antonio Lopes Cruz (NUPEM/UFRJ-Macaé)

Tópico 1 – Equipamentos de material para cultivo in vitro

Conteúdo teórico e prático.

Carga horária: 3 horas.

Tópico 2 – Preparo de meios de cultura e formas alternativas de baixo custo

Conteúdo prático.

Visita a campo para acompanhar o preparo de meios de cultura básicos e alternativos para micropropagação.

Carga horária: 3 horas.

Tópico 3 – Micropropagação de *Phaseolus vulgaris*

teórico

Carga horária: 3 horas.

Resultados

Os cursos propostos foram ministrados e obtivemos forte participação dos agricultores (figura 1) dos Assentamentos João Batista Soares (Fazenda Boa Sorte) e o Assentamento 25 de Março (Fazenda Santo Antônio), bem como de discentes de graduação dos Cursos de Ciências Biológicas (Bacharelado e Licenciatura) e Pós-Graduação (PPG-CiAC) como mostrado nas figuras 2 e 3. Também ressaltamos a participação de técnicos da EMATER da região de Carapebus.



Figura 1: Abertura e aula inaugural do curso para agricultores dos assentamentos. Fonte: Foto retirada no Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Sócio-Ambiental de Macaé (NUPEM/UFRJ).



Figura 2: Visita e Início das etapas de construção de uma composteira voltada para a produção de adubo orgânico, reutilizando componentes da própria propriedade. Fonte: Foto retirada nos assentamentos de Carapebus.



Figura 3: Visita aos assentamentos buscando introduzir novas técnicas que serviriam de apoio na produção de hortaliças. Fonte: Foto retirada nos assentamentos de Carapebus.

Foi possível identificar os principais problemas que dificultam o desenvolvimento de um sistema agroecológico nos Assentamentos João Batista Soares e Assentamento 25 de Março. Como a falta de cultivares apropriados para a região, dificuldade de acesso aos diferentes tipos de tecnologias agrárias e a urgente necessidade de apoio técnico em diferentes áreas. Dessa forma, foi possível transferir conhecimento de novas tecnologias de produção agrícola sustentável, de baixo ou nenhum impacto ambiental que podem ajudar no desenvolvimento da agricultura familiar nesta localidade.

Além disso, foi possível promover práticas agrícolas que impactem em menor grau os diferentes ecossistemas do Parque Nacional de Jurubatiba, tendo como foco principal os assentamentos do município de Carapebus.

Conclusão

Através da interação durante os cursos foi possível identificar demandas dos agricultores, como a disponibilização de cultivares apropriados para a região e apoio técnico especializado. Além disso, também foi possível identificar agricultores com potencial para receberem aperfeiçoamento continuado. Isso foi com realização de um curso de micropagação de *Phaseolus vulgaris* (4 e 5). Também foi possível difundir nos discentes participantes (graduandos e pós-graduandos) os diferentes desafios que precisam ser superados pelos agricultores no processo da produção agrícola familiar e que existe a necessidade de fortes investimentos de diferentes instituições, focando diferentes objetivos para mudar esse quadro.



Figura 4: Aperfeiçoamento de agricultores e técnicos da EMATER com técnicas de micropagação. Fonte: Foto retirada no Laboratório de Biotecnologia Vegetal do NUPEM/UFRJ.



Figura 5: Aperfeiçoamento de agricultores e técnicos da EMATER com técnicas de micropagação. Fonte: Foto retirada no Laboratório de Biotecnologia Vegetal do NUPEM/UFRJ pelo Prof. Dr. Marco Antonio Lopes Cruz.

Referências bibliográficas

- ALTIERI, M. A. *The scaling up of agroecology: spreading the hope for food sovereignty and resiliency*. [s.l.]: SOCLA, 2012. 20 p. Disponível em: <http://www.foodfirst.org/sites/www.foodfirst.org/files/pdf/Rio20_-_final-1.pdf>. Acesso em: 12 março. 2014.
- AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. de. *Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável*. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, p. 49-70, 2005.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, 24 dez. 2003. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/imprensa/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=8&data=24/12/2003>> Acesso em: 12 março. 2014.
- CRUZ, M. A. L.; SILVA, A. D. C.; VEIGA, C. F. M.; SILVEIRA, V. *Biofábrica para Produção de Mudanças por Micropropagação: Estratégia para o Aumento da Produtividade da Cana-de-açúcar no Rio de Janeiro*. Inter Science Place, Ano 2, Nº 05 / Fev. 2009.
- FEIDEN, A. *Agroecologia: introdução e conceitos*. Embrapa Agrobiologia. p. 50-70. 2005.
- FREITAS M.C.S., PENNA P.G. Segurança alimentar e nutricional: a produção do conhecimento com ênfase nos aspectos da cultura. *Revista de Nutrição* 20(1):69-81, 2007.
- IBGE, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: segurança alimentar 2004*. Rio de Janeiro: IBGE; 2006. IBGE, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE; 2012. Disponível em: www.ibge.gov.br - Acessado em 02/setembro/2012.
- INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária & FAO, Food and Agriculture Organization of the United Nations. *Perfil da Agricultura Familiar no Brasil: dossiê estatístico*. Brasília: NEAD, 1996.
- MENASCHE R., MARQUES F.C. & ZANETTI C. Autoconsumo e segurança alimentar: a agricultura familiar a partir dos saberes e práticas da alimentação. *Revista de Nutrição* 21(Suplemento):145-58, 2008.
- MORAIS, T.P.; LUZ, J.M.Q.; SILVA, S.M.; RESENDE, R.F.; SILVA, A.S. Aplicações da cultura de tecidos em plantas medicinais. *Rev. Bras. Pl. Med.*, Botucatu, v.14, n.1, p.110-121, 2012.
- NAVARRO Z. *Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro*. Estudos Avançados 15: 43, 2001.
- NOVOTNY V. The Danger of Hypertrophic Status of Water Supply Impoundments Resulting from Excessive Nutrient Loads from Agricultural and Other Sources. *Journal of Water Sustainability* 1(1):1-12, 2011
- PAIVA, P. D. O.; PAIVA, R.; PASQUAL, M. & PAIVA, LUCIANO, V. *Estabelecimento in vitro de estrelicia (Strelitzia reginae Banks.)* Ciênc. Agrotec., Lavras, v. 28, n. 5, p. 1031-1037, set.out., 2004.
- SAMPAIO M.F.A., KEPPLER A.W., SEGALL-CORREA A.M., OLIVEIRA J.T.A., PANIGASSI G., MARRANHA L.K., et al. *Segurança alimentar: experiência de grupos focais com populações rurais do Estado de São Paulo*. Segurança Alimentar e Nutricional 13:64-77, 2006.

SEAE, Secretaria de Acompanhamento Econômico, MINISTÉRIO DA FAZENDA. *Panorama do mercado de fertilizantes*. Maio/2011. Disponível em: < www.seae.fazenda.gov.br>. Acesso em: 25 jul. 2011.

VIDAL, M.C.; RESENDE, F.V.; SOUZA, R. B.; FREITAS, V. M. T.; FILHO, E. G.; ZANDONADI, D. B.; *Portfólio de tecnologias de agricultura orgânica e agroecologia da Embrapa Hortaliças, Documentos 138* – Embrapa Hortaliças, Brasília, DF 2013.

ZANDONADI, D. B., SANTOS, M. P., MEDICI, L. O., SILVA, J. (2014). *Ação da matéria orgânica e suas frações sobre a fisiologia de hortaliças*. *Hortic. bras*, 32(1), 2014.



ELABORAÇÃO DE APRESENTAÇÕES PROFISSIONAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM CURSO ONLINE PARA SENSIBILIZAÇÃO SOBRE ASPECTOS DE DESIGN GRÁFICO

Silvia Esteves Duarte

(NUTES/UFRJ – Técnica-administrativa)

Wallace Gonçalves Pereira

(Decania CCMN/UFRJ – Técnico-administrativo)

Miriam Struchiner

(NUTES/UFRJ – Docente)

Introdução

O desenvolvimento científico e tecnológico em nossa sociedade tem possibilitado o aparecimento de recursos interativos e de bases de informações que potencializam o desenvolvimento de formas de comunicação em diferentes linguagens e meios, cada vez mais utilizadas tanto no âmbito acadêmico quanto em outras áreas de trabalho. Esse avanço tecnológico tem provocado transformações nos espaços de estudo e de trabalho e demandado que estudantes e profissionais, motivados a continuarem aprendendo ao longo de suas vidas, desenvolvam novas competências comunicacionais, se apropriando da linguagem multimídia possibilitada pela convergência das mídias em dispositivos acessíveis e fáceis de serem manipulados. Se por um lado, conhecer as tecnologias e os aplicativos disponíveis seja fundamental, por outro, dominar os recursos com uma base conceitual que possibilite integrá-los para estabelecer uma comunicação efetiva torna-se essencial. Isto, porque, as tecnologias digitais de informação e comunicação estão cada vez mais acessíveis e descomplicadas de serem aprendidas e utilizadas, possibilitando, assim, que os usuários concentrem-se nos aspectos conceituais de sua aplicação e no conteúdo da informação. A constante renovação e evolução das tecnologias de informação e comunicação demanda que os sujeitos adaptem-se às novas ferramentas e linguagens que integram os diferentes contextos e suas práticas sociais.

Este estudo apresenta o relato da experiência de um curso de extensão *online*, ELABORAÇÃO DE APRESENTAÇÕES PROFISSIONAIS, dirigido a professores e técnico-administrativos, das três esferas do governo, com o objetivo de sensibilizar os participantes sobre aspectos conceituais e práticos do Design Gráfico e sua aplicação.

Sobre o Curso

O curso objetiva formar profissionais nos aspectos conceituais e metodológicos relacionados aos elementos da comunicação visual, possibilitando que este conhecimento possa ser aplicado com o uso de qualquer *software* de representação visual. Parte-se do pressuposto de que, tomar consciência dos princípios básicos de Design Visual e de sua influência na representação da mensagem, leva a um resultado profissional, organizado, consistente visualmente interessante, facilitando o processo de comunicação. Pretende-se, assim, contribuir para a formação continuada de professores e técnico-administrativos, capacitando-os a planejar, organizar e realizar apresentações visuais de seus trabalhos, projetos, resultados de estudos e temáticas curriculares etc., de forma comunicativa e estruturada.

O conteúdo é abordado por meio do ambiente virtual de aprendizagem da UFRJ, que utiliza o *software* livre Moodle, com o uso de recursos disponíveis *online*, como textos e imagens. O curso foi estruturado em sete módulos, sendo que os cinco primeiros estão relacionados aos princípios de Design e os dois últimos destinam-se à integração destes princípios ao uso de uma ferramenta para apresentações audiovisuais. Os módulos são os seguintes: Alinhamento, Proximidade, Repetição, Contraste, Tipologia, Prezi I e Prezi II. A cada módulo, há um fórum temático, onde são propostas atividades semanais e discussões em grupo. É também esperado que os alunos entreguem como atividade final de módulo, uma apresentação em torno de algum tema pré-estabelecido. Com uma abordagem pedagógica teórico-prática, os alunos aplicam os conceitos aprendidos em atividades semanais, o que torna a aprendizagem mais relevante e significativa.

A abordagem teórica e prática dos princípios de design desenvolve uma consciência das regras que orientam um projeto gráfico, e essa consciência uma vez despertada se cristaliza conferindo autonomia para o profissional¹.

A avaliação dos alunos é baseada na sua participação nas atividades do ambiente virtual de aprendizagem. O curso contempla a realização de sete atividades específicas de acordo com a temática de cada um dos módulos do curso. Está previsto um encontro presencial opcional para apresentação do trabalho final pelos alunos. Até o momento, o curso foi concluído por três turmas 2016-1, 2016-2, 2017-1 e encontra-se com uma turma em curso, 2017-2. A cada semestre, são oferecidas 60 vagas, distribuídas por dois tutores. O número de concluintes nas três primeiras turmas foi o seguinte: 21 alunos (2016-1), 18 alunos (2016-2), 22 alunos (2017-1).

Metodologia

Para esta pesquisa, todos os alunos que em algum momento se matricularam no curso, concluintes e desistentes foram convidados a responder um questionário *online* veiculado por

¹ WILLIAMS, Robin, 1995.

meio de ferramenta GoogleDocs. O questionário foi construído em quatro seções: (1) Dados pessoais; (2) Situação do aluno ao término do curso; (3) Impressões sobre o curso e sua experiência; (4) Algo mais que gostaria de compartilhar. Os alunos desistentes só acessaram as seções 1, 2 e 4. Foi usada a escala Likert para medir as atitudes e conhecer o grau de conformidade do entrevistado com as afirmações propostas. Dos 229 indivíduos convidados a responder o questionário, 61 (26,63%) responderam. Foram recebidos o total de 65 questionários. No entanto, após análise crítica dos dados obtidos, foram considerados para análise 61 do total de questionários, uma vez que quatro deles foram eliminados pelos seguintes motivos: três entradas, com segundos de diferença, completamente idênticas (40. 41. 42.) e duas completamente vazias (34. 59.). Das três idênticas, eliminamos duas. Foram eliminadas as respostas (34. 41. 42. 59.). Na parte (3) Impressões sobre o curso e sua experiência, respondido apenas por concluintes, obteve-se 33 entradas.

Resultados e Discussão

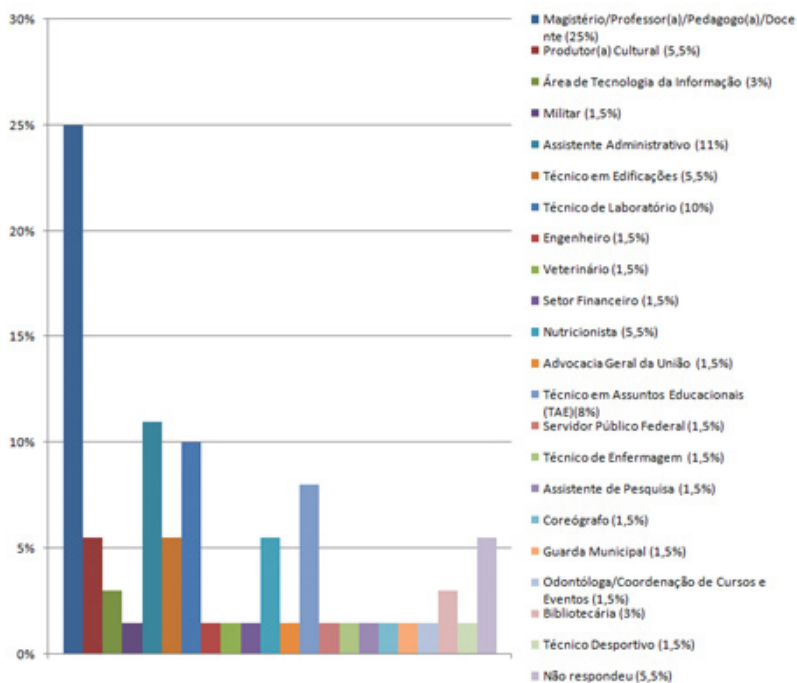
Segundo o levantamento, 59% dos participantes do estudo são mulheres. Em relação à escolaridade, 10% possuem apenas o Ensino Médio, 21% têm Ensino Superior, 33% com Especialização, 21% têm Mestrado, 12% com Doutorado e uma minoria de 3% de Pós-doutores. Foi observada uma predominância da faixa etária entre 30 e 49 anos, 64% dos alunos. Com 70% de técnico-administrativos, tivemos também 20% de Docentes e 10% não especificados no item categoria. Ao comparar a primeira turma às demais, verificamos que houve uma diferença no número de participantes da UFRJ em relação às outras instituições. Isto aconteceu porque a primeira turma (2016-1) seria oferecida pela PR-4 (Pró-reitoria de Pessoal), no entanto, foi deflagrada uma greve o que atrasou o início do curso para o ano seguinte, quando então foi transferido para a PR-5 (Pró-reitoria de Extensão), porém foram mantidos os alunos já anteriormente inscritos na PR-4, isto é, somente UFRJ. Desta forma aconteceu uma distorção (tabela 1) entre o proposto e o real que será sanada aos poucos.

Tabela 1: Público Alvo

PÚBLICO ALVO PROPOSTO			PÚBLICO ALVO REAL	
UFRJ	28 vagas	46%	UFRJ	69%
Instituição Federal	6 vagas	10%	Instituição Federal	11%
Instituição Estadual	5 vagas	8,5%	Instituição Estadual	13%
Instituição Municipal	5 vagas	8,5%	Instituição Municipal	7%
Iniciativa Privada	4 vagas	7%	Iniciativa Privada	0%
Movimento social	4 vagas	7%	Movimento social	0%
ONG/OSCIP	4 vagas	7%	ONG/OSCIP	0%
Organização sindical	2 vagas	3%	Organização sindical	0%
Grupo comunitário	2 vagas	3%	Grupo comunitário	0%

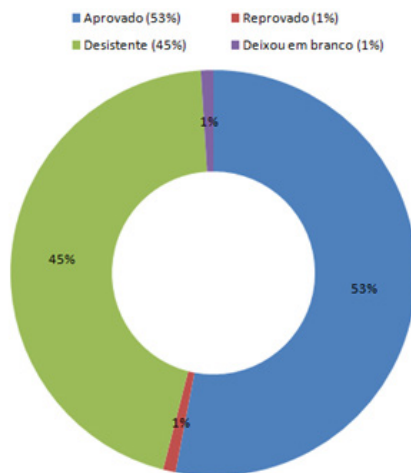
Uma grande variedade de funções na atividade profissional (tabela 2) foi encontrada na pesquisa, com um quarto de docentes, e três quartos em funções bastante variadas.

Tabela 2: Funções



Sobre a situação do aluno ao término do curso (figura 1), dos que responderam ao questionário, 53% foram aprovados, 45% abandonaram o curso em algum momento e 1% foi reprovado.

Figura 1: Situação dos alunos ao término do curso



Motivos da Evasão

Na análise de conteúdo dos motivos da desistência foram procurados “núcleos de sentido” dos depoimentos dos alunos, e categorizados segundo a literatura. Desta forma, constatou-se que 46% das desistências ocorreram por sobrecarga de trabalho, 35% se deram por fatores situacionais, 11% por problemas com a tecnologia e 4% relataram falta de apoio administrativo. Somando os itens “Fatores Situacionais” e “Sobrecarga de Trabalho” temos 81% de colocações relacionadas a algum tipo de falta de tempo. Muitos alunos se inscrevem sem de fato estarem certos sobre a sua disponibilidade de tempo.

Sobre o Curso

Esses tópicos apresentavam diversas frases para os alunos concordarem ou discordarem, e foram respondidos apenas pelos alunos que não abandonaram o curso. Sobre se o curso atendeu às expectativas, 97% concordaram; à frase se o objetivo final do curso foi alcançado, 97% foram positivos; ao serem questionados se o curso contribuiu para torná-los mais autônomos no uso da tecnologia, 97% consentiram; em resposta ao questionamento se a estrutura do curso foi claramente definida, 94% assentiram; sobre se o curso permitiu o uso e discussão das diferentes ferramentas e recursos disponíveis, 88% aprovaram a afirmativa; ao questionamento se o curso ofertou subsídios teóricos suficientes para o trabalho, 97% concordaram e sobre os subsídios práticos suficientes para o trabalho, 94% admitiram que sim. Os alunos foram questionados se o conteúdo foi definido com clareza e precisão, 94% concordaram; sobre se a programação foi adequada em relação à carga horária, 85% aceitaram como verdadeiro; ao serem perguntados se

o sistema de avaliação foi desenvolvido considerando os processos de ensino e aprendizagem, 94% responderam que sim.

Sobre a Equipe

Ao serem questionados se o tutor foi claro na apresentação do conteúdo, 94% dos alunos foram positivos na resposta; sobre se o tutor foi presente nas atividades práticas desenvolvidas dentro dos fóruns, 97% concordaram; em resposta a pergunta se o tutor teve disponibilidade para orientação, 97% assentiram; sobre se o tutor respondeu com clareza as dúvidas existentes, 97% admitiram que sim; ao questionamento se houve uma boa interação entre alunos e tutor ao longo do curso, 94% foram positivos; sobre se o coordenador teve uma boa atuação no atendimento/esclarecimento acadêmico, 79% responderam que sim e se a equipe técnica teve uma boa atuação no suporte técnico do curso, houve uma aprovação de 91% dos alunos que responderam ao questionário.

A equipe tem recebido muito mais elogios que críticas, mas estamos sempre em busca de melhorar a interação com os alunos, pois a Educação a Distância (EAD) apresenta aspectos novos, diferentes daqueles que vivenciados na educação escolar. A coordenação e os tutores estão em constante aprendizado e sempre atentos a sugestões e possibilidades de melhoria.

A Autoavaliação da Aprendizagem pelos Alunos

Quando foi pedido aos alunos que exercitassem a sua auto-avaliação, 97% consideraram a sua aprendizagem no curso positiva e 3% julgou mediana. Em relação à participação no curso, 76% acreditaram em uma participação positiva, 17% a viram como mediana e 7% julgaram que tiveram uma participação negativa.

Existe uma expectativa dos alunos com relação a aprender a usar a ferramenta Prezi. No entanto, a proposta do curso não é ensinar um *software* que em alguns anos estará obsoleto, mas fazer o aluno se sensibilizar e ter uma nova visão sobre aspectos relacionados a apresentações profissionais, especialmente os aspectos do design, que poderão ser utilizados em qualquer ferramenta que futuramente seja inventada. Este é um tipo de curso onde é fundamental a participação ativa nas atividades do fórum e execução das atividades semanais. Como o objetivo do curso é sensibilizar as pessoas para aspectos técnicos e estéticos, executar/fazer/colocar a mão na massa torna-se primordial no aprendizado. O aluno que não participa ativamente, tende a se afastar da essência do curso. Não basta ler o material de estudo, é preciso realizar as atividades e refletir sobre elas para mudar o olhar sobre organização de conteúdo.

Sobre as Expectativas dos Alunos em Relação ao Curso

Em relação às expectativas dos alunos, constatamos que uma parcela de 32% esperava adquirir informações sobre tecnologias e programas, como o Prezi e o Power Point; 21% desejavam

receber informações técnicas sobre apresentações; 29% supunham receber informações de uma forma mais geral e 18% presumiam que receberiam informações sobre design. De uma forma geral, foi constatado como os alunos se surpreendem com o aprendizado sobre design, pois não esperam de fato que este possa apresentar alguma vantagem em seu trabalho, e no entanto, este será o diferencial que eles terão sobre todos os que conhecem as mesmas ferramentas de construção de apresentações.

Sobre a Opinião dos Alunos em Relação a Principal Contribuição deste Curso

Quando questionados sobre a principal contribuição do curso, 34% dos alunos informaram que o curso contribuiu para o desenvolvimento de competências na construção de apresentações profissionais, 28% perceberam que o curso ofertou um aprendizado sobre design, 21% entenderam a contribuição do curso como um aprendizado sobre como usar a ferramenta Prezi, e 17% encontrou um espaço para adquirir informações práticas sobre produção de material para apresentações. Apesar de alguns alunos perceberem o curso como um espaço para aprender sobre novas ferramentas, indicaram que passaram a enxergar o que antes era invisível, que são as técnicas do design, e se surpreenderam quando perceberam o uso dos princípios do design em revistas, propagandas e em diversas outras situações. Na hora de montar uma apresentação, os princípios do design já estão completamente incorporados.

Sobre Outras Questões Compartilhadas pelos Alunos

A coordenação e a equipe de tutoria estão sempre atentos para acrescentar melhorias ao curso, procura-se sempre ouvir os alunos, ao término de cada curso. Muitos alunos elogiaram (42%) ou fizeram sugestões (34%) para o curso, alguns (17%) não acrescentaram nada de positivo ou negativo, no entanto houve os que criticaram (7%) ou apresentaram aspectos negativos do mesmo. Durante a experiência do curso, procuramos ouvir os alunos e implementar sugestões, no entanto, quando aceitamos a sugestão de uma aluna de ofertar dois módulos por semana, deixando a semana seguinte somente para a realização da atividade prática, percebemos que os alunos perderam muito e não deram o retorno esperado. Simplesmente deixaram para a última hora, como sempre, e o tempo foi perdido. Desta forma, foi retomada a oferta original com módulos e atividades semanais, como verificado que de fato, funciona.

Discussão

No decorrer do período em que o curso tem sido ministrado, nos deparamos com algumas críticas recorrentes, como alunos que acharam que o tempo das atividades foi mal dimensionado, que deveria ter uma carga horária maior ou alunos que desejavam um curso especificamente de Prezi. Entende-se que os alunos sempre buscam diminuir a quantidade de atividades, pois tem outros compromissos e buscam tempo para dar conta de todos os seus afazeres. No entanto, há muita clareza que as atividades deste curso são importantes para despertar uma

visão mais criativa e clara sobre apresentações. O curso trabalha abrindo o olhar para as questões de design, que farão diferença no modo como esses profissionais vislumbram a questão da apresentação profissional. Também foram recebidas críticas sobre o discurso da tutoria e sobre o feedback referente às tarefas. Essas críticas são sempre observadas e procura-se corrigir desvios e desenvolver cuidados nas formas de comunicação com os alunos. Uma comunicação a distância, sem os devidos cuidados, pode facilmente gerar ruídos que poderão originar algum desconforto entre as participantes.

Foram vivenciadas algumas dificuldades no percurso, como alunos que se inscrevem no curso e nunca entram na plataforma, ou entram e não participam, acabando por abandonar o curso. Muitos desses alunos que não participam no início, ao serem contatados pela equipe técnica, afirmam que vão participar, mas mesmo assim abandonam, ocupando uma vaga que poderia ser útil a outra pessoa.

Mas entre todos os desafios, o mais complexo de enfrentar é o fato dos alunos terem dificuldade para exercerem a autonomia que a modalidade a distância exige, pois a forma de lidar com o aprendizado na EAD é diferente da modalidade presencial. Na EAD, o aluno deve ter uma postura ativa diante do conhecimento, assumindo uma atitude mais participativa. Neste curso, espera-se que o aluno participe dos fóruns de forma proativa, comente o texto da semana e insira exemplos visuais. Sem a presença virtual do aluno, sem seus comentários, o curso torna-se mecânico e um mero repositório de conteúdos, a partilha de informações e percepções sobre as atividades ficam empobrecidas, o aprendizado perde sua dinâmica.

Outros desafios importantes ficaram evidentes a partir desta pesquisa. Como prática para o curso, pretende-se passar a oferecer vídeo-aulas sobre Prezi para satisfazer a necessidade de mais informações dos alunos sobre as ferramentas. É necessário desenvolver e praticar uma comunicação perfeita levando em conta os diferentes perfis de alunos, de modo a minimizar mal entendidos de comunicação. Tem sido experimentada uma boa avaliação do curso por parte dos alunos, 26,63% dos alunos responderam ao questionário, exatamente a mesma porcentagem de alunos que terminaram o curso. Espera-se atingir uma porcentagem maior de alunos concluintes.

Considerações Finais: desafios da ead a partir dessa experiência

A EAD exige uma nova postura, tanto dos tutores quanto dos alunos e, em geral estamos todos em processo de aprendizagem sobre essa modalidade. É preciso conhecer o próprio processo de aprendizado de forma a poder materializar a aprendizagem a partir dos vários tipos de experiências educacionais.

O “saber” envolve conhecimentos necessários à execução de uma prática. Entretanto, para poder ser capaz de executá-la, é preciso “saber fazer”. Portanto, fica

claro que, ao conhecimento, alia-se a habilidade do indivíduo².

Na EAD, o papel desempenhado pelo tutor é de um agregador de saberes e encorajador do processo de comunicação entre todo o grupo. Este deve ser um processo participativo, onde o aluno é o sujeito responsável pelo desenvolvimento de seu conhecimento, devendo ser estimulado e conscientizado pelo tutor de que este processo é de construção e reconstrução, já que a prática oferece constantemente oportunidades de revisão do que se faz. Aos tutores, espera-se que estejam a aprender mais sobre os diferentes níveis de suporte aos alunos, mantendo um *feedback* equilibrado durante todo o processo. Aos alunos espera-se uma maior autonomia e segurança sobre essa exigência de um estudo mais centrado no aluno.

A aprendizagem autônoma é um processo difícil para aqueles que nunca passaram por esta experiência. Devemos antes de tudo compreender que os erros são valiosos para se compreender o caminho certo de aprendizagem. Todos precisam trabalhar a autonomia do ato de aprender, se modificando, tornando-se indivíduos autônomos e criativos. A EAD é uma modalidade promissora, importante para o processo de trabalho. Assim, devemos enfrentar os desafios para, de fato, contribuir para a melhoria da qualidade do trabalho de comunicação nas Instituições Públicas.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. *Educação e pesquisa*, v. 29, n. 2, p. 327-340, 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2> >. Acesso em 2 nov. 2017.
- CASTEDO, Raquel da Silva, GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. O projeto gráfico de periódicos científicos: uma contribuição aos roteiros de avaliação. Em *Questão*, Porto Alegre, V.11. n.2, 313-333, jul./dez. 2005.
- DELGADO, Vanda. Manual e Guia de exploração do Prezi(português). Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego. 2011
- GARCIA, André. Curso Básico de Prezi. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em <http://187.7.106.13/nataniel/OFICINAS/Oficina_PREZI/Curso-Prezi.pdf >. Acesso em 2nov 2017.
- Kleimann Communication Group, Inc., “Tips for Creating Clear, Usable Information: The Visual and Written Dialectic” (2012) in: MORGAN, Julie Margetta; DECHTER, Gadi. Improving the College Scorecard: Using Student Feedback to Create an Effective Disclosure. Center for American Progress, 2012. Disponível em <<https://www.americanprogress.org/wp-content/uploads/2012/11/CollegeScorecard-4.pdf>>. Acesso em 02 nov 2017.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999. As tecnologias da inteligência, 2001.
- OLIVEIRA, Claudia Hochheim. Qual é o Papel da Extensão Universitária. In: *Algumas reflexões acerca da relação entre Universidade, Políticas Públicas e Sociedade*. CONGRESSO BRASILEIRO

2 SILVA, Antonio Carlos Ribeiro da. 2004.

DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. 2004.

PALLOFF, Rena M. et al. Construindo comunidade de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line. Artmed, 2002.

SILVA, Antonio Carlos Ribeiro da. Educação a distância e o seu grande desafio: o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem. FABAC – Faculdade Baiana de Ciência. Salvador, abr. 2004.

SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antônio. Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2010.

WILLIAMS, Robin. Design para quem não é designer. 8ª edição. São Paulo. Callis.



HISTÓRIA,
DESENVOLVIMENTO
E DEMOCRACIA

CRÉDITOS

4, 5 E 6
SETEMBRO
2017



UFRJ
faz 100
ANOS

1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CRÉDITOS

COORDENAÇÃO GERAL DO SEMINÁRIO UFRJ FAZ 100 ANOS

Rogéria de Ipanema

Coordenadora do Projeto Institucional UFRJ FAZ 100 ANOS – Reitoria

Assessora Especial da Pró-Reitora de Extensão – PR5

Renata Gaspar

Diretora da Divisão de Integração Acadêmica - Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

COMISSÃO DE AVALIADORES DOS RESUMOS

Alessandra Sarkis – EEI/ CFCH

Ana Lucia Fernandes Cunha – DRI/ Reitoria

Andrea de Barros Queiróz – SIBI/FCC

Angela Bretas – EEFD/CCS

Carla da Costa Dias – EBA/CLA

Cinda Gonda – FL/CLA

Claudio Rezende Ribeiro – FAU/CLA

Damiane Daniel Oliveira dos Santos – IGEO/CCMN

Glaucia Lelis – ESS/CFCH

Graça Franco Reis – Cap/CFCH

Gustavo Cravo – Gabinete/PR4

Iris Guardatti – Agência UFRJ de Inovação/PR2

Ivone Evangelista Cabral – EEAN/CCS

Jean Christophe Houzel – ICB/CCS

Kátia Correia Gorini – EBA/CLA

Kleber Neves - APG

Luciana Andrade – FAU/CLA

Luciana Boiteux – FND/CCJE

Marcelo Corrêa e Castro – FE

Maria Cristina Miranda – CAp/CFCH

Maria Lucia Santos – CH/REITORIA

Maria Naíse de Oliveira Peixoto – IGEO/CCMN

Mariana Trotta – FND/CCJE

Marcia Malaquias Braz – Gabinete/PR5

Michelle Pereira de Souza Fonseca – EEFD/CCS

Monica Pereira dos Santos – FE/CFCH

Paula Abrantes Cotta de Mello – SIBI/FCC

Pedro Paulo Bicalho – IP/CFCH

Renata Flores – CAp/CFCH

Renata Gaspar – DINAC/PR2

Selene Maia – IM/CFCH

Vitor Amaral – DRI/REITORIA

MEMBROS EXTERNOS

André Guimarães Couto – DEAC/CEFET
Lucia Helena Pereira da Silva – IM/UFRRJ
Priscila Duarte dos Reis – IM/UFRRJ
Ronaldo Rosas Reis – FE/UFF

COMISSÃO ORGANIZADORA

Ana Crélia Dias – PR1
Caíque Azael – DCE
Carol Barreto – SUPEREST
Damiane Daniel Oliveira dos Santos – IGEO/CCMN
Flavio Pessoa – PPGAV/EBA
Gustavo Cravo – PR4
Iris Guardatti – PR2
Kelly Sam – EBA/CLA
Luciano Coutinho – FAAC/CCJE
Marcia Malaquias – Gabinete/PR5
Maria Naíse de Oliveira Peixoto – IGEO/CCMN
Paula Barreto de Andrade - EA/EQ
Priscila Maroja – PR2
Renata Gaspar – PR2
Rogéria de Ipanema – UFRJ FAZ 100 ANOS - Reitoria/ PR5
Sandra Souza – Aposentada (CAp)
Terezinha da Costa – Vice-presidente da ATTUFRJ
Valéria Silva – PR5
Vitor Amaral – DRI

COMUNICAÇÃO E SISTEMA

Yuri Hutflesz – PR5
Leonardo Maurício de Freitas – Estagiário/PR2

DIAGRAMAÇÃO

Sergio Tavares de Sena – PR5



1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO